



# Mestre do Mar

*Uma entrevista sem fim*

- Bem-vindo a bordo!

- ...!?

- Sim sou Mestre do Mar, às suas ordens. Vamos subir ali para o tombadilho. Vê-se melhor o mar. Desde já o aviso que a minha história não tem fim. O Oceano é mais extenso do que a nossa compreensão acerca dele...

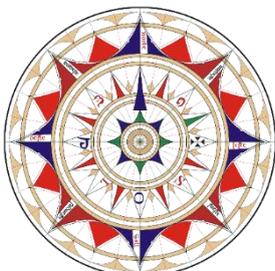
- ...?

- Bem, sou conhecido por Mestre do Mar porque vivi muitos anos com o mar, naveguei por lugares distantes, e ao longo desses anos aprendi e acumulei experiências diversas e com elas uma sabedoria com sabor a mar. Também estudei em escolas náuticas, tirei vários cursos de pilotagem, geografia, astronomia, etc. Nada do que eu sei é novidade. Hoje, com a internet, o conhecimento está, felizmente ao alcance de todos. Basta que se interessem. O problema é que muitas pessoas preferem distrair-se com futebol, religião, dogmatismos, banalidades... Ignoram o Oceano. Para mim, o Oceano é a minha religião.

Não basta estudar o Oceano. E preciso navegar, praticar, fazer, decidir, aprender a estar preparado para as contingências do mar, saber reagir a adversidades. Teorias há muitas... Fala-se muito e faz-se pouco pelo Oceano. Existe uma atitude generalizada e rotineira do “deixa andar”. Ignoramos o Oceano.

O meu problema é que sou *homem do mar*, e portanto, *cabeça no ar*... tenho paixão pelo Oceano, mas distraio-me muito a contemplar esta imensidão. De repente, em vez de olhar, estou a sonhar. E só acordo com um balanço mais forte, um apito ou alguém achar por mim.

-...?



- Naveguei por todo o mundo. Dobrei o Cabo da Boa Esperança e o Cabo de Horn. Naveguei na Terra Nova, atravessei o Suez, o Panamá e o estreito de Malaca a caminho da Cochinchina. Naveguei por entre o gelo no mar de Bering, a caminho do Kamchakta. Dei a volta ao mundo e conheci povos e paisagens fantásticos. O mar sempre foi a minha estrada (por vezes entre escolhos escondidos e perigosos, a que era preciso estar atento). Foi assim que aprendi e compreendi que afinal o Oceano é só um. Que o nosso planeta (que é único) devia chamar-se “Oceano” em vez de Terra: Mercúrio, Vénus, Oceano, Marte... O nosso planeta oceano, visto do espaço é um pequeno ponto azul brilhante. Como referiu Carl Sagan. Um azul maravilhoso! Sabe, mais de 70% da superfície do planeta estão cobertos por água? E depois, aquela sensação de liberdade no azul imenso: à nossa volta não há montanhas nem construções. É uma vista panorâmica sempre diferente e deslumbrante! Não é difícil criar paixão pelo Oceano.



- ...?

- Escolhos, sim. É uma palavra que se usa na gíria marítima. Escolhos são rochedos, recifes, bancos de areia, icebergs, ou obstáculos que aparecem pela frente. Uns, previsíveis, outros, inesperados. Olhe, um contentor flutuante durante a noite, por exemplo. É preciso abrir bem os olhos (como em Abrolhos, no Brasil...)

apesar do radar e dos avisos à navegação. Recordando António Gedeão, “Os meus olhos são uns olhos./ E é com esses olhos uns/ que eu vejo no mundo escolhos/onde outros, com outros olhos,/ não vêm escolhos nenhuns.” Muitos naufrágios aconteceram provocados por escolhos e pela negligência do capitão.



- ...!  
...?-  
Nasci  
numa



pequena aldeia junto ao mar no Norte de Portugal. Da minha casa ao mar bastava atravessar uma duna. Dizem até que fui baptizado no mar no dia de S. Bartolomeu. Meu pai era marinheiro e estava sempre ausente por mares distantes. “Andava

embarcado”, diziam Acabei por nunca o conhecer pessoalmente. Já a minha mãe era a minha grande amiga. Contava-me histórias de um marinheiro (seria o meu pai?) que navegava pelo mundo enfrentando por vezes grandes dificuldades que acabavam sempre por ser superadas e até premiadas com a chegada a ilhas paradisíacas. Minha mãe inspirava-se em histórias que tinha ouvido como as aventuras de Sinbad, o marinheiro, misturadas com a epopeia dos Descobrimentos dos Portugueses e histórias de piratas e corsários.

- ...?

- Sim, concordo. A Cultura é o conhecimento, a experiência, as crenças, os valores, os significados, as cantigas, hierarquias, noção de tempo, relações espaciais, conceitos do universo, objectos e atitudes que são partilhados por um grupo específico de pessoas.

A cultura de cada povo e a atitude de cada indivíduo, é algo que se constrói com o tempo. Ao



longo da vida recebemos estímulos diversos e desta forma construímos uma forma de estar na sociedade. Nos últimos tempos parece que o foco das nossas atenções, que determina a atitude, virou costas ao oceano, na esperança de melhor vida em terra. À excepção das gentes do mar, muitas pessoas esquecem o Oceano, nosso “berço” histórico, onde hoje muita gente só vê praias. Felizmente há jovens que voltam a interessar-se pelo mar, como é o caso de desportistas, cientistas, mergulhadores, etc. O lixo

marinho e a degradação da orla costeira preocupam cada vez mais essas pessoas. As algas começam a entrar na nossa alimentação. Por isso estou optimista em relação à mudança de atitude dos cidadãos que está a acontecer face ao Oceano. Cada pequeno gesto de um cidadão pode parecer uma “gota de água” no nosso futuro Oceano: um Oceano saudável, despoluído com grande biodiversidade. Mas se muitas dessas gotas de água se juntarem, nascerá uma nova atitude oceânica procurando recuperar o oceano do tempo dos nossos avós, sem plástico, com grandes extensões de areia limpa e águas transparentes. Eu acredito!

- ...?

Fácil: Bombordo, esquerda, vermelho; Estibordo, direita, vermelho. Um Inglês deu-me esta receita: “drink your red port with your left hand”. Em Português, “beba o seu vinho do porto tinto com a mão esquerda”. “Left”: esquerda. “Red”: vermelho/tinto. “Port”: bombordo / vinho do Porto. Dizem também que quando os marinheiros começaram a desbravar a costa africana, rumo a sul, tinham a terra do “lado bom” (bombordo) à esquerda e à direita ficava o lado das estrelas (estibordo > estibordo. Percebeu?



- ... ?

- Os faróis têm um forte simbolismo para os marinheiros. Em dias de tempestade, à noite, quando vemos o clarão de um farol, mesmo que longínquo e ténue, sentimos o aconchego de alguém que zela pela nossa segurança. No mar imenso não estamos sozinhos. E pelo alvorecer, através da névoa, a luz do farol continua a acompanhar-nos, agora acompanhada pela sirene de aviso de proximidade de terra. Antigamente, aqui o farol de Leça tinha uma potente e inconfundível “ronca” de aviso de proximidade de terra. Era tão bonita, toda de vermelho! Infelizmente, foi retirada

por algum “sabe-tudo” e talvez guardada num armazém ou enviada para a sucata. O farol foi amputado da sua habitual companheira sonora e lá permanece, sozinho e altivo, a indicar o

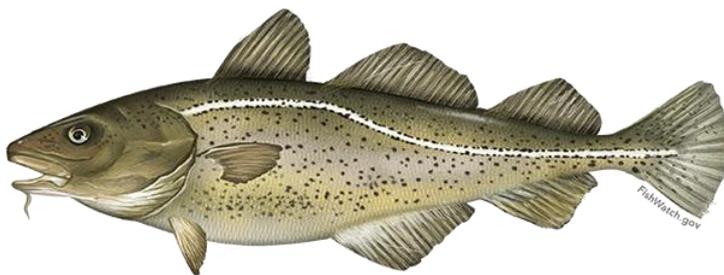
caminho de entrada em Leixões. Um belo farol! Também o farol de Sagres, é uma verdadeira maravilha naquele formidável promontório do Cabo de S. Vicente, sobre o Atlântico, apontando para a Madeira. Já lá fui várias vezes...

- ...?

- O Oceano está sujeito a várias ameaças resultantes da actividade humana ( vivemos hoje no período designado por *Antropoceno*, marcado por muitos actos negligentes dos humanos face à Natureza). E o Oceano está a ficar doente.

Começando pelas pescarias, houve tempos em que elas estavam completamente desreguladas e houve mesmo espécies de peixes e outros seres vivos que acabaram por desaparecer. O bacalhau, por exemplo, era tão abundante que os primeiros barcos de pesca que pescaram no mar da Terra Nova colidiam por vezes com extensos “tapetes” de bacalhaus ao atravessar aquelas águas geladas. Pescavam-se centenas de toneladas de bacalhau. De tal forma que a espécie caminhava para a extinção. Felizmente, alguém acordou a tempo e foram criadas regras que contribuíram para termos hoje uma pesca sustentável e economicamente viável

naquelas paragens, acompanhada mesmo com práticas sustentáveis de aquacultura.



A poluição do Oceano é outro grande problema. Todas as asneiras cometidas em terra acabam por ir parar ao oceano: fertilizantes, esgotos por tratar, vazamentos não autorizados, plásticos, etc. Há dois tipos de poluição no oceano: a que se vê (caso dos plásticos flutuantes) e a que não se vê, que é ainda mais

grave, como é o caso da acidificação do oceano provocada pelo excesso de óxidos de azoto na atmosfera (e não só) que anda a destruir os corais e a contribuir para a perda de biodiversidade. Só temos um planeta e as pessoas continuam a prestar mais atenção ao futebol e coisas fúteis. Só pensam no presente. Pouco interessa o passado e o futuro.



Com a circulação dos navios entre continentes começaram também a aparecer espécies

Os minerais fazem parte da riqueza natural de uma nação. A economia de cada país procura desenvolver-se, explorando adequadamente os seus recursos naturais e a sua indústria. No caso da exploração mineira da areia, uma vez removida não pode ser reposta na geração seguinte. Levará séculos para ser substituída. A areia sustenta os rios e a percolação da água a grandes distâncias tanto para o crescimento de plantas como na reserva da água potável e para a agricultura. A areia que existe na natureza é fundamental para a própria existência humana. A extracção descontrolada de areias dos rios, dunas e praias para exploração comercial e lucro imediato está a provocar danos irreparáveis no ambiente, nomeadamente nas zonas costeiras. São usadas máquinas enormes como guindastes e outros mecanismos de bombeamento causando inúmeras calamidades naturais e perdas para a sociedade. Para manter o equilíbrio entre o meio ambiente e mineração de areia, os governos devem regulamentar a sua extracção e reduzir o seu uso, substituindo as areias por outros materiais, nomeadamente na construção civil.

invasoras em locais inesperados. O nosso caranguejo verde, comum na costa portuguesa, por exemplo, foi parar à costa do Japão, talvez levado nas águas de lastro de algum navio, e por lá prolifera feliz, competindo com espécies autóctones. Por outro lado, no Algarve existem agora caranguejos azuis (siri) “importados” nas águas de lastro



vindas das Américas... Dizem que até é bom!

E as zonas costeiras? Com a

extracção desenfreada das areias dos rios e do mar e com a construção de barragens, começa a faltar areia em algumas praias e em dunas e o mar invade a terra. Quase ninguém se apercebe ou se interessa pelo desastre que representa a extracção silenciosa dessas areias, que depois são vendidas ao preço da chuva para a construção e fábricas de vidro. Os governos agora só se interessam pela “descarbonização”, que é para cobrar mais impostos.

Olhe, o nosso pinhal de Leiria, mandado plantar em boa hora para conter a perda de areia costeira por el-rei D. Diniz, um homem visionário, que por acaso também era poeta... Aquilo hoje está uma vergonha de abandono, depois do incêndio! Se continuar assim, infestado por plantas invasoras, vai ser um desastre. Depois, vão deitar as culpas às alterações climáticas!

Os mangais (autênticos viveiros de biodiversidade que não temos em Portugal): no delta do Níger e noutros locais estão a desaparecer à medida que crescem as construções humanas.

Com o crescimento das cidades costeiras, zonas húmidas ou pantanosas transformam-se em lixeiras. Enfim, um desmazelo generalizado! Felizmente começamos a ver gente jovem que se preocupa com estes assuntos, conscientes de que o nosso planeta é único e precisa de ser cuidado. Felizmente, a humanidade começou a abrir os olhos e está com vontade de mudar. Veja a Fundação “Blue Ocean”, por exemplo. Uma nova atitude dos cidadãos face ao Oceano está a nascer. Não me canso de o dizer. Porque é necessária.

- ...?



- *Navegar é preciso, viver, não é preciso*, dizia o poeta. Quando falo de mar, falo de navegar. Aqui está uma boa forma de sentir o Oceano: aprender a navegar e navegar depois. A navegação oceânica ajudou a criar “pontes” entre continentes e povos, dando início à globalização. Foi necessário aprender a conhecer os astros, saber usar instrumentos náuticos como a bússola (ou a agulha de marear), o astrolábio, o sextante, as cartas náuticas e tantos mais. Cada um destes instrumentos usados a bordo encerra uma história, uma função, um simbolismo que nos cria uma espécie de cumplicidade com o mar e cria uma espécie de “instinto” marítimo. Além dos instrumentos náuticos, há todo um

conjunto de conhecimentos das embarcações e das regras e avisos de navegação que o marinheiro adquire. Saber manobrar, seguir os faróis, cortesia, segurança... Mas navegar é também beber um (vários) gin no Peter's do Faial e meter conversa com navegantes desconhecidos. Pode acompanhar com bolinhos de bacalhau. Há sempre histórias fantásticas para contar. E no final, até perde a conta à quantidade de gins que tomou...

Voltando à navegação, Portugal, através da Marinha e do Instituto Hidrográfico, é um país líder em termos de cartografia náutica. E o inconfundível NRP Sagres é o nosso discreto embaixador. Nunca vi um barco tão belo a navegar! Sim, porque *barco parado não faz viagem...*

Para mim, quem tem carta de marinheiro já conhece melhor o mar. Já terá certamente histórias para contar. É alguém que quer ir além da praia.



...?

Sim, além dos humanos, temos os mais inesperados animais a bordo. Começando pelos ratos, não há maneira de os evitar. Sobem pelas amarras, Por isso

é bom ter um (ou vários) gatos a bordo.

Ao longo de milhares de anos, os gatos sempre foram bem acolhidos a bordo como membros da tripulação, pela sua habilidade de matar ratos. O costume teve origem nos tempos em que mercadores marítimos que passavam por portos egípcios, ficavam impressionados com a eficiência e graça destes “estranhos e misteriosos” animais, treinados pelos egípcios para proteger dos ratos os seus celeiros. Por isso os mercadores recrutavam gatos egípcios, para assim protegerem dos ratos os alimentos nos seus barcos. À medida que os navios viajavam de porto em porto, estes intrépidos e curiosos felinos saltavam do barco, adaptavam-se



facilmente e procriavam entre si e com variedades locais de gatos selvagens. Foi assim que os gatos domésticos alastraram pela Grécia (500 a.C.), Índia (cerca de 300 a.C.) e China (200 a.C.). Por isso, pelos menos teoricamente, todos os gatos são gatos marujos.

Temos aranhas, centopeias, bichas-cadelas, formigas, ... cães. Os, animais de estimação têm regras próprias que não acho interessante desenvolver. Já animais “clandestinos”, esses podem ser um “quebra-cabeças”.

Mas é no oceano que a vida se impõe! Conhece o fitoplâncton? Pouco se discute o fitoplâncton e a sua importância para o Planeta. No entanto, é ele que fornece à atmosfera mais de 50% do oxigênio que respiramos. Na origem da vida no Planeta havia muito pouco oxigênio na atmosfera, mas graças ao fitoplâncton (algas microscópicas à deriva na camada superficial do Oceano) a atmosfera foi-se oxigenando até atingir os níveis de hoje. O fitoplâncton absorve o CO<sub>2</sub> da atmosfera, que usa como alimento, e liberta oxigênio através da fotossíntese. Uma vez capturado o “famigerado” carbono, este é convertido em matéria orgânica. O fitoplâncton é “autotrófico”, isto é, produz o seu próprio alimento. Os bivalves como a ostra alimentam-se de fitoplâncton. Mas também o zooplâncton e outras espécies de pequena dimensão. Por sua vez,



estes pequenos animais, que são “heterotóxicos”, alimentam animais maiores até chegarmos ao atum e à baleia, por exemplo, que acabam por ser os maiores consumidores de seres vivos do Oceano. Ou seja, o fitoplâncton tem um potencial fantástico de produzir alimento ao mesmo tempo que liberta oxigênio para a atmosfera. E se tiver CO<sub>2</sub> e luz em abundância forma grandes extensões às quais se associa o zooplâncton e outros seres vivos. Pessoalmente, acho que mais que um exagero, existe uma autêntica histeria de no combate ao CO<sub>2</sub>. Agora, andam a criar máquinas para extrair o CO<sub>2</sub> da atmosfera, querem pôr espelhos reflectores do sol no espaço, lançar foguetes com partículas que provocam sombra, enfim, perturbar ainda mais o Planeta com mais disparates. Faz-me lembrar aquelas pessoas milionárias que gastam fortunas em operações plásticas para ficarem cada vez mais feias. As alterações climáticas para



mim têm outras origens, que acabam por ser ignoradas por haver esta histeria de “descarbonização”: por exemplo, no uso e abuso de energia e seus desperdícios. Dou-lhe um exemplo: se pedir uma garrafa de água num bar, normalmente ela é servida “gelada”. Já me serviram mesmo garrafas com gelo formado no seu interior. Para quê? Desperdício. O mesmo se passa com bebidas quentes que temos que esperar que

arrefeçam para as podermos beber. Motas de água? Nem me fale! De um modo geral, são um autêntico disparate. Não tenho nada contra as motas de água, mas certos utilizadores não têm

noção do mal que fazem ao ambiente com os seus exageros. Transporte de mercadorias? Já imaginou quanta energia consome um porta-contentores carregado de bugigangas, a vir da China para a Europa? Sabe, um dia, distraído, dei comigo a comprar um bonito saquinho de alhos no supermercado. Só quando cheguei á casa é que me apercebi da sua proveniência: China! Apeteceu-me voltar atrás e trocar por alhos portugueses, ou quando muito espanhóis, mas achei que não valia a pena. Seria um acto isolado, um grito no deserto. Mas isso na política passa ao lado. A educação e sensibilização dos cidadãos é tema para se discutir mais tarde. O que interessa aos políticos é a “descarbonização” a qualquer preço, associada às taxas de carbono. Uma hipocrisia combinada com ignorância. Dá votos. Apetecia-me ainda falar-lhe das minas de lítio e até de cobre, mas fiquemos por aqui.

Em resumo, acho que cada um de nós deve definir um rumo para a sua vida, para não andarmos à deriva: em termos de aprendizagem, família, amigos, viagens, carreira profissional e atitude face ao Planeta. Porque “todos os ventos são favoráveis para quem não tem um rumo”. E se assim for, não passaremos de uns “zombies” existenciais, comandados à distância por políticos medíocres e cobradores de impostos. E que tal incluir o Oceano nesse rumo?

- ...?

- Sim, aconteceram naufrágios que ficaram famosos. Uns por má sorte, mas a maior parte deles por incúria, sobrançeria e mau comando. Um comandante de uma embarcação tem que ter vocação, competência e sentido de responsabilidade para assumir o cargo. Muitas vezes a arrogância e o excesso de confiança são a causa de grandes tragédias. Um naufrágio muito conhecido foi o do Titanic. Mas o de “La Méduse” ficou na história como exemplo de ignorância, arrogância e má liderança. Por querer “cortar caminho” e chegar depressa ao destino, ignorando os perigos e as regras elementares da navegação, o comandante do “La Méduse” passou por cima de um banco de areia (próximo de Arguim) e o barco encalhou... O que a seguir se passou foi uma grande tragédia. Quem for visitar o Louvre pode lá ver um



quadro enorme de Géricault que retrata bem um dos momentos da tragédia. Um mau líder pode realmente destruir uma organização ou um projecto. Dizia Camões, brincando com as aliteraões, que “...um fraco rei faz fraca a forte gente...”

Também o Titanic foi vítima do excesso de confiança e da pressa em chegar ao destino. Estou convencido que mais de metade dos naufrágios que ocorreram foram causados por essa estupidez tão característica de muitos seres humanos. Provavelmente, cada um de nós tem o seu grau de estupidez. Uns mais, outros menos...

- ...?

- Repare que de um modo geral, as pessoas vêm o Oceano com alguma indiferença; como se fosse algo óbvio e eterno, que “tem que estar ali porque sim”. Eu também tive essa atitude por muitos anos na minha vida. No entanto, em longas viagens, quando havia menos que fazer, dava comigo debruçado na amurada do navio a olhar para aquele panorama sempre fascinante, sempre em movimento, totalmente abstraído de tudo o resto, simplesmente a

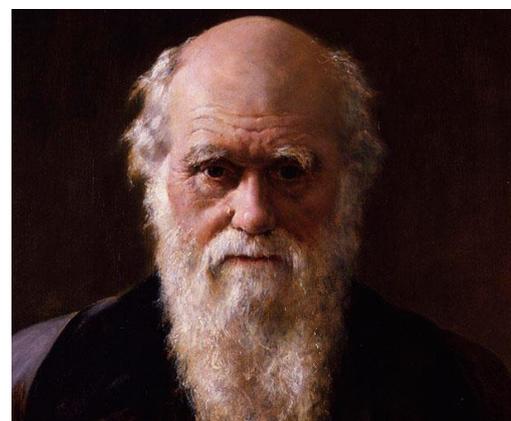
contemplar aquele “fenómeno” que é o Oceano. Suponho que por vezes até entrava num daqueles “trances” que refere quem pratica meditação transcendental. Os bons e maus pensamentos que perturbavam o meu cérebro desapareciam naquele momento. E eu ficava ali abstracto a contemplar aquele espetáculo sempre deslumbrante. Algo demasiado grande para



ser compreendido pela minha pequenez de ser efémero. Ficava assim nesse estado de torpor até que de repente, algo acontecesse e me despertasse daquele estado de Zen em que me sentia como se eu próprio fizesse parte do Oceano... Não sei explicar.

Um dia, visitei o promontório de Sagres onde dizem que o Infante D. Henrique instalou o seu quartel-general para preparar as expedições de Descobrimientos; e também o farol do Cabo de S.Vicente, onde tenho amigos da Marinha. A propósito, é impressionante apreciar o

complicado sistema óptico daquele farol, impecavelmente mantidos, com as suas lentes Fresnel todas bem alinhadas, montadas numa estrutura de latão que roda continua e silenciosamente... Mas voltemos a Sagres, que visitei primeiro. Comecei a visita da melhor forma que poderia imaginar: amêijoas à Bolhão Pato (deliciosas) seguidas de umas lulas grelhadas acabadas de pescar... um vinho alvarinho muito fresco, seguidos de uma sobremesa doce, de alfarroba, figos, amêndoa, fios de ovos e sei lá que mais. Depois veio o café, acompanhado com uma aguardente de medronho fresquinha... Só no Algarve...! Enfim, uma daquelas experiências (uma pequena asneira) que desejamos um dia repetir, mas que nunca se repetem. Depois do almoço caminhei pelo promontório até lá ao fundo, já dentro da fortaleza, olhando para o mar à medida que caminhava. Aquele azul... aquele azul profundo, é indescritível. Sentei-me numa pedra confortável a contemplar (mais uma vez) o Oceano. Corria uma brisa ligeira e agradável. Pequenas nuvens altas, do tipo cirrus, encobriam um pouco o sol, que assim não incomodava. Os meus pensamentos fixavam-se mais uma vez no Oceano azul, à medida que todos os outros se dissipavam. Deixei-me levar pela situação. Senti-me novamente como que a pairar sobre o Oceano (sonhava?), quando percebi que havia ali uma espécie de telepatia, não verbal mas que vou tentar pôr em palavras. O Oceano afirmou: “- és das poucas pessoas que me sente dessa forma, tão próxima, tão natural e com tanta paixão. Os outros só olham para mim com indiferença, como se eu tivesse obrigação de estar aqui para os servir. Esse azul que tu aprecias é a minha cor durante o dia. Contrariamente ao que dizia o poeta, a minha cor não é espelho do céu. Pelo contrário, o céu é azul porque a luz do Sol que me ilumina fica azul. Por isso o planeta é azul visto do espaço. Na verdade, o céu, apesar de o vermos, não existe. É uma ilusão óptica... Por exemplo, quando ocorre um eclipse “total” do Sol, o céu desaparece. Fica noite. Tudo para. Todos os animais ficam inquietos, até que o Sol regresse. Um eclipse solar é um bom momento para meditarmos sobre a importância do Sol na nossa vida. Para haver vida na Terra foi preciso que o Sol fornecesse a sua energia e os seus fotões, iluminando seres primitivos como as cianobactérias, dos primeiros a praticar a fotossíntese. Complicado? Bem, a fotossíntese foi determinante na origem e desenvolvimento dos primeiros seres vivos. E o CO2 que era abundante nessa altura na atmosfera, foi começando a ser transformado em oxigénio e em matéria orgânica dos seres vivos. Com o tempo o teor de oxigénio na atmosfera terrestre foi aumentando até aos dias de





hoje. As plantas e o fitoplâncton adoram o CO<sub>2</sub>! Mas voltando ao “casamento” do Oceano com o Sol, daqui resultou então a vida na Terra, vida essa que ao longo de milhões de anos evoluiu até chegar ao expoente máximo actual, que é a espécie humana.

Darwin explica bem essa evolução da vida ao longo desses milhões de anos. Temos assim três elementos importantes que determinaram a vida na Terra: o Sol, fornecendo a sua energia, o Oceano, ventre da origem e desenvolvimento da vida na Terra, e a parte terrestre do planeta (a litosfera), que suporta o Oceano e os continentes. Por sua vez, a litosfera é composta por placas tectónicas, sempre activas. Por último, mas não menos importante, temos a atmosfera que nos fornece o ar que respiramos e o CO<sub>2</sub> que as plantas e o fitoplâncton tanto apreciam. Falta ainda referir a influência da Lua, que provoca as marés, tendo assim ajudado a que a vida se instalasse em terra firme. Há um problema: tudo isto é tão vasto que dificilmente (nunca) será entendido na totalidade por alguém. Por isso eu, Oceano, gostaria que cada cidadão construísse uma nova atitude relativamente ao Oceano e me dedicasse um pouco mais de atenção. É importante. Muito importante! Cada cidadão pensa que sozinho não tem força. Mas não é assim. Se cada um se interessar um pouco mais, em breve o Oceano estará mais limpo, mais rico em vida e mais em harmonia com a humanidade. Os progressos que têm sido feitos pelas Nações Unidas e os Objectivos para o Desenvolvimento Sustentável, (em particular o SDG 14) permitem-nos ter a boa esperança de que isto vai mudar para melhor. O ser humano sentir-se-á mais responsável e menos culpado. Mas é importante mudar. Ou querem deixar que o Oceano continue a ser o caixote do lixo da humanidade? Quem vai pagar? As futuras gerações? Não é justo!

-...?

- Sim, a litosfera é constituída por várias placas, como um puzzle. Foi um cientista chamado Alfred Wegener quem primeiro referiu esse facto. Essas placas estão sujeitas a várias influências que as tornam instáveis: o movimento de rotação da terra e sobretudo, em meu entender, a atracção gravitacional da Lua. Imagine a Terra, coberta de placas instáveis, a rodar, e com a Lua a puxar por essas placas. Isso vai fazer com que mais tarde ou mais cedo elas se desloquem umas sobre as outras e provoquem fenómenos como vulcões, tremores de terra e a própria “deriva” dos continentes. A Dorsal do Atlântico, que passa pelos Açores e Islândia, mostra bem essa dinâmica. Uma evidência nítida dessa deriva é Madagáscar, que encaixa como um puzzle em Moçambique. Acredito que, tal como as marés, a origem dos terremotos está na atracção cíclica das placas tectónicas pela Lua. Ou seja, talvez nos períodos equivalentes à maré alta no mar, a probabilidade de terremoto em zonas de risco é maior. Por falar em marés, aqui está outro fenómeno oceânico que influenciou e influencia a vida na Terra. A zona “intertidal” (entre a baixa-mar e a preia-mar) é um viveiro natural muito importante para que muitas espécies sobrevivam. Elas dependem das marés. Quando eu era novo, aí pelos 10 anos de idade, ia apanhar polvos e caranguejos nos rochedos da praia lá perto de minha casa. Sabia a hora e a amplitude das marés de cor. Por vezes, acordava antes



do sol nascer, em pleno inverno, para aproveitar a maré a descer e assim apanhar com vantagem os animais mais desprevenidos: polvos, santolas, sapateiras e navalheiras eram o meu forte. Fazia frio, mas eu gostava de sentir aquele cheiro a maresia, aquele contacto quinestésico com o mar, com água até aos joelhos e as ondas e as laminárias a barrar o meu caminho. Por vezes encontrava animais menos comuns, como foi o caso de um delicioso cavaco, que nem sabia que existia. É mesmo bom! Já lagostas e lavagantes, nunca apanhei. Normalmente, só se apanham com armadilhas. E muitas vezes no regresso da pescaria, apanhava alguns caranguejos pilados dos barcos dos pescadores que chegavam e com a minha mãe fazíamos uma sopa de caranguejo pilado com massinhas que nunca ninguém comeu! Uma maravilha! Aliás, os alimentos que vêm do mar para mim são todos bons. Gosto de cavala, por exemplo, mas em Portugal existe o preconceito de que aquilo é peixe para pobres, e quase não se encontra à venda nos supermercados. Gosto de faneca frita, também, mas parece que as pessoas têm vergonha de comer faneca... E gosto de amêijoas, mexilhões e lapas, búzios, percebes, apanhados nos rochedos. Porque quando o dinheiro faltava, era o que se comia (com arroz) para tirar a fome. E que bom que era! Por vezes, juntávamos também algumas algas, como alface do mar e rapilho no arroz ou na sopa. Não sabe o que é rapilho, pois não? Rapilho é uma alga curta castanho-avermelhada, que se encontra em certas zonas de rochas graníticas. Penso que se chama rapilho, porque é preciso “rapá-la” dos rochedos. Esses alimentos afinal, são ótimos alimentos para o nosso sistema imunitário. As pessoas que comem, por exemplo, frango e carnes, hamburgers, com frequência, deviam procurar alimentos do mar, ricos em ómega3, zinco, iodo, proteínas magras, etc. O nosso sistema imunitário precisa de diversidade de alimentos. Acredito que um dia as algas, bivalves e outros produtos de origem marinha se irão impor na nossa alimentação. Isto porque além da pesca, que está a ser bem regulada, a aquacultura, e em particular a maricultura estão em franco desenvolvimento. Acho que a esse nível ainda há muito que explorar no Oceano, sem prejuízo para o ambiente. Seria bom as pessoas procurarem diversificar a sua alimentação apostando mais em produtos de origem marinha, incluindo algas. Mas como quero dizer tudo, acho que me desviei da questão.

- ... !

- Obrigado. Uma outra forma de olhar para o Oceano é através das obras de arte mais antigas (citei atrás o quadro da “Balsa da Medusa”, de Géricault) e da fotografia, mais actual. Já o vídeo tem uma perspectiva mais científica do que artística. Também gosto, mas prefiro falar das tais obras de arte. Conhece “A Grande Onda” de Kanagawa? Aqui está mais uma perspectiva diferente de olhar para o Oceano. Se eu fosse rico, gostaria de colecionar obras de arte marítimas e criar um museu marítimo. Aqui em Portugal, muitas cidades que se dizem próximas do mar nada fazem para criar o seu museu marítimo local. E depois, perdem-se obras de valor esquecidas nos sótãos e nas caves. Agora está na moda criar “centros interactivos”, que depois de serem inaugurados ou fecham ou são mantidos a contragosto. Se queremos que os cidadãos construam uma nova atitude face ao Oceano, há que criar uma rede nacional de museus marítimos que preservem e mostrem não só obras de arte mas também memórias da nossa história. Já agora, agora sou eu que lhe faço uma pergunta: sabe o que é uma obra de arte?

- Bem...! ...?!

- Nada disso, eu também não sabia o que era uma obra de arte, mas agora sei. Vi essa explicação numa exposição itinerante promovida por Serralves. Mesmo que eu não perceba nada de arte, agora já sei. Quer saber? Eu digo: *Uma obra de arte é tudo o que é reconhecido*

*como tal*. Não é admirável? Se não me dissessem, nunca saberia. Muita gente faz de conta que percebe de arte, mas são poucos os que conhecem esta “definição”. Por isso não resisti em a apresentar aqui. Mas lá estou eu a desviar-me do tema “leitmotiv”: o maravilhoso Oceano.

É verdade! Desviei-me da conversa sobre Sagres Dizia eu que naquele momento atingi um tal estado de empatia com o Oceano que me abstraí de tudo à minha volta. Senti e pensava como se eu próprio fosse o Oceano, a sofrer impotente os maus-tratos dos humanos. *Senti-me o caixote do lixo da humanidade. Todos os resíduos vêm aqui parar. As zonas costeiras estão cheias de casas e cada vez com menos areia. Pesca em excesso provocou já a extinção de várias espécies. Plásticos por todo o lado. Até na fossa das Marianas já encontraram lixo marinho. E muito mais teria para me queixar. Resta-me só esperar que a humanidade mude de atitude e comece a reparar seriamente no mal que me faz...* Um sargo! Que bom sargo! Era um pescador na falésia a gritar contente por ter pescado um bom sargo. Isto fez-me acordar do transe que estava a viver, embora mantendo presente aquela sensação de impotência do Oceano face à negligência humana. Foi então que decidi caminhar até ao farol do Cabo de S.Vicente. Parecia perto, mas demorei mais de uma hora a lá chegar. O vento estava contra, mas “quando é para ser, os ventos contrários perdem a força”. Foi assim que, cansado, lá cheguei à porta do farol, onde já me esperava o meu velho amigo Mário: “- Olá, meu capitão! Há quanto teempo! - Viva, contramestre! Fico contente por te voltar a ver. Então agora és faroleiro? – É verdade! ... A conversa continuou agradável no decorrer da visita ao farol. E despedimo-nos “até à próxima”, já o sol ia caindo. Reparei então que lá fora muitas pessoas se juntavam a olhar para poente. Sobretudo gente jovem. Quando saí, vento estava agora mais fresco e o mar mais agitado. Percebi então que todos os que ali estavam aguardavam pelo pôr-do-sol e ninguém arredava pé. As pessoas iam chegando, e aqui e ali ouvia-se música de violão. Não vou descrever o espetáculo do pôr-do-sol ali em Sagres. Não há palavras. Voltei a olhar, agora para Ocidente e ali fiquei novamente a contemplar a cena. Até que o sol desapareceu completamente. Nesse momento, para minha surpresa, todos começaram a aplaudir. Mas aplaudir o quê ou quem? Percebi então que aquele aplauso era um aplauso de agradecimento ao Sol, ao Oceano, ao Planeta, à Vida. Pelo inesperado, fiquei comovido. As lágrimas vieram-me aos olhos sem querer. Aplaudi também, feliz. Afinal havia mais pessoas gratas a pensar que afinal...

-...?

- Tem razão, desculpe, por vezes emocio-me. Mas é uma emoção de alegria...

-...?

Um capitão quando está a navegar deve estar atento ter em conta vários factores: a meteorologia e o estado do mar, a embarcação, legislação, segurança, a carga que transporta, o combustível, os avisos à navegação, a tripulação e passageiros, e o inesperado. Tem que formar uma consciência situacional, antecipando até o que possa vir a acontecer. E se necessário, tomar decisões de alteração do plano de navegação inicialmente definido. Se reparar, esta gestão do navio pode ser equiparada a situações na nossa vida. Há momentos em que é preciso estar mais atento: de noite, em zonas perigosas, com mau tempo, aumenta o stress e temos que manter sangue-frio e transmitir confiança aos que navegam connosco. O mar exige respeito. Por vezes ouvimos a frase “estamos todos no mesmo barco”. Um barco é uma heterotopia. Isso cria logo uma consciência de união e responsabilidade que nos torna mais críticos e activos. Falta-nos ainda a tal consciência situacional planetária. O nosso planeta oceano é afinal a grande nau que todos habitamos sendo o oceano o seu principal elo de

união. “Deus quis que a Terra fosse só uma, que o mar unisse, não separasse”... Estamos efectivamente todos no mesmo barco. E ele único. Por isso temos que o estimar e saber viver bem a bordo desta nau azul, em comunidade com todos os habitantes e em harmonia com os seres vivos que nos acompanham, e com o olhar virado para o futuro. Perceber, compreender, projectar.

Quando estudei Meteorologia, retive um conceito que acho importante: o conceito de “massas de ar”. O conhecido anticiclone dos Açores, por exemplo é uma dessas massas de ar a que me refiro. Imaginei a Terra coberta de bolas de sabão (as massas de ar) encostadas umas às outras. Dentro de cada uma dessas bolas de sabão, as condições meteorológicas (temperatura, pressão atmosférica, humidade, etc.) seriam uniformes. Essas bolas de sabão movimentam-se à superfície devido às diferentes temperaturas entre os polos e o equador, e também devido à própria rotação da Terra e incidência solar. Quando duas bolas de sabão se encostam criam uma “frente” ou “superfície frontal”. Desse choque pode resultar chuva ou mesmo tempestades. Para além da parte científica da meteorologia, há que construir “um saber de experiência feito”: conhecer os sinais de anúncio de tempestade, por exemplo. Nuvens espessas e carregadas anunciam mau tempo. Também o rondar dos ventos. “Mudam-se os ventos, muda-se o tempo”. Mas também a leitura do barómetro pode ajudar muito. O barómetro é muitas vezes usado simplesmente como objecto decorativo. Mas se o soubermos observar, pode ser muito útil. Não é difícil: quando a pressão atmosférica baixa, vamos ter chuva. Quando a pressão sobe, vamos ter céu mais limpo...

-...?

- Na verdade, fala-se muito do lixo marinho, mas há outros factores escondidos que ameaçam o Oceano: a perda de biodiversidade, os ciclos bioquímicos (azoto e fósforo, entre outros), a acidificação... O planeta tem limites. Por exemplo, na agricultura são usados nitratos para adubar a terra. Uma grande percentagem desses nitratos dissolve-se nas águas pluviais e escorre para os rios e acabam no mar. Então o mar fica saturado de nitratos nas zonas costeiras...

... e a história continua, sem fim à vista...